

Literatura Brasileira Contemporânea

Brasília, primeira quinzena de novembro de 1997 - ano I, nº 12.

boletim

Dor e riso na memória e na imaginação

Ivanilda Barbosa

A Majestade do Xingu - Moacyr Scliar. S. Paulo: Companhia das Letras, 1997, 210 pp.

Num leito da UTI de um hospital em São Paulo, na década de 80, o personagem imigrante judeu-russo perfaz a trajetória de sua vinda e permanência no Brasil, juntamente com a de outros tantos judeus que migraram para a América, fugindo da miséria, da tuberculose e da violência dos impérios dos tzares, nas primeiras décadas do século XX. Aldeões ou não, a "gente judia" estava sempre exposta a perseguições. A América do Sul, "onde tudo estava por fazer", se apresenta como um lugar promissor, em que "essa gente" pudesse "escapar daquele permanente terror", através da intermediação de filantropos judeus da Europa dos Rotschild e dos Montefiore.

É no Madeira, um navio cargueiro adaptado para transporte de imigrantes, que tem início a travessia de duas jovens vidas - dois destinos: a do personagem-narrador e de seu companheiro de viagem, Noel Nutels.

Ao representá-la, o autor a transforma na travessia de milhares de jovens imigrantes que vão construir sua identidade na terra estrangeira, à medida que à cultura de origem (idioma, religião, trabalho, hábitos familiares, localidades) vão se acrescentando outros valores, outras práticas, outra língua, outros espaços, enfim, outra história.

O passado do imigrante judeu - que é forçado a deixar seu país de origem, sem nunca relegá-lo ao esquecimento - é incorporado pela história dessa terra estrangeira, numa dinâmica narrativa em que se entrecruzam as camadas de tempo e espaço, nos quais se constrói a identidade do personagem-narrador.

As imagens evocadas pelo narrador nos levam à aldeia russa na fronteira com a Romênia e à aldeia indígena em pleno Xingu; a Anamiev e a Lage do Canhoto, a Kiev e a Recife, bem como ao massacre dos judeus pelos pogrons, e ao massacre dos índios na América, à militância do jovem Gravilo Princip, na Áustria, e à militância estudantil dos anos 60 no Brasil.

O clima é de confissão: o paciente institui o médico - o doutor - seu confessor. Um misto de emoção e de razão (o personagem tem o desejo de contar a história de Noel Nutels para que se mantenha viva a memória do companheiro de infância) faz aflorar as lembranças. E a

narrativa flui rápida como se o narrador temesse não concluir seu intento. Não se sabe o que é fato e o que é invenção. Mas, como afirma Aristóteles, em seu *Tratado de memória e reminiscência*: "as coisas, que em si próprias são objetos da memória, são todas aquelas que dependem da imaginação".

As constantes referências ao "doutor" pontuam o momento da enunciação, ao mesmo tempo que nos induzem a ver no "doutor" o suposto autor do romance que ora se lê.

Assim, História, memória e imaginação estão, simbolicamente, constituídas no discurso narrativo.

As camadas de espaço e tempo representadas no nível da história se materializam nos múltiplos discursos. Ora o discurso direto, ora o indireto livre presentificam as falas da avó judia, prevendo o pogrom, e do pajé, prevendo a aculturação de seu povo; o discurso do homem de Kiev arregimentando os imigrantes e do corretor de imóveis, intermediando a venda da loja - ambos arrancando de outrem os signos de sua história; as falas de Anchieta e de Isaak Babel, de Noel e dos generais, do pai e do filho judeus. Ganha voz a mulher judia, a mãe revolucionária e a jovem militante do PCB; a mulher, que sendo judia, retorna ao seu povo e vai morar no Kibutz.

E sob todas essas camadas pode-se perceber a voz do doutor (suposto autor). Ao falar da "tísica" na Rússia ou no Brasil, na aplicação da penicilina, na amputação do braço do pai, o discurso médico se faz presente. E é esta voz que, pela "mão negra" do destino, anuncia as memórias que o seu paciente lhe confessa no leito da UTI, no desejo de imortalizar a memória de Noel Nutels. No entanto, com a memória de Noel imortaliza-se a memória da gente judia, migrantes espalhados entre as muitas "terras prometidas", numa narrativa em que se harmonizam esteticamente a dor e o riso na representação da História.

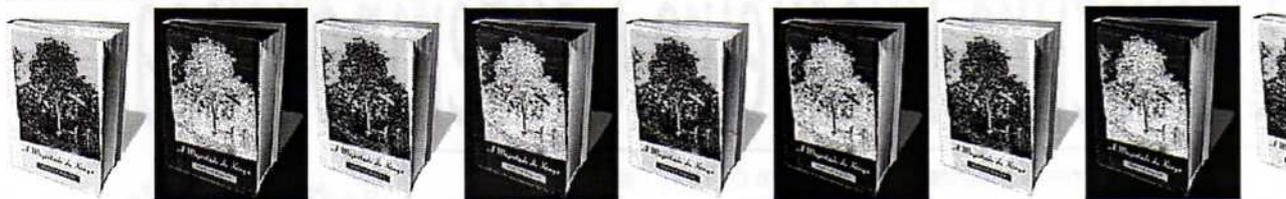
Ivanilda Barbosa é professora do Departamento de Língua e Literatura da Universidade de Uberaba e mestranda em Literatura Brasileira na UnB.



Literatura Brasileira Contemporânea/Boletim agora está na Internet! Visite nossa *home-page*:

<http://www.unb.br/tel/boletim/>

(O GT agradece ao prof. Rafael T. de Sousa pela elaboração da *home-page*.)



A Majestade do Xingu: outro “quase-romance”?

Artur Emilio Alarcon Vaz

A semelhança, em alguns aspectos, de *Quase memória do Cony*, *A Majestade do Xingu* percorre um caminho que não pretende distinguir biografia, história ou ficção. Essa indistinção passa, logicamente, pelo narrador ficcionalizado, que apropria, simultaneamente ou não, características próprias da biografia, da história, do romance, assim como de narrativas orais (outras que a mãe do doutor não conhecia).

O narrador, talvez delirando à beira da morte (lembram-se de "O narrador", de Benjamin?), faz uma autobiografia entremeada da biografia de Noel Nutels e da história brasileira desse século. O próprio Scliar diz que "a situação do narrador, doente num hospital, talvez sedado, introduz um elemento de dúvida sobre o que ele narra".

E o leitor fica sempre assim: em dúvida. Esse trecho é ficção? Isso é dado histórico? Isso é biografia? Ou será autobiografia? Mas *A Majestade do Xingu* não pretende, em nenhum momento, responder antigas questões.

Scliar pretende aproveitar as situações que só são possíveis nesse intercâmbio de gêneros ao imbricar ficção e história, ao unir fabulação e rememoração autobiográfica com o discurso histórico.

Nessa mescla intencional, o texto acaba por mostrar que a biografia *stricto sensu*, mesmo não admitindo, é um intercruzamento de discursos, assim como "des-cobre" que as verdades históricas também foram conseguidas através de testemunhos e testemunhas, ou seja, narradores.

Poderia considerar todo o livro como ficção (talvez assim queira o autor), mas pretendo desmontar algumas partes e demonstrar como o narrador ficcional possui proximidades com esses três enunciadores citados.

Assim como um biógrafo "tradicional", o narrador tem uma identificação e uma admiração pelo biografado ("Todos falavam em Noel Nutels. [...] Perto do Noel, eu não tinha importância nenhuma"). O narrador-biógrafo sabe todos os pormenores da

vida de seu objeto ("Tenho toda a vida de Noel nessa pasta que está aí") e assume que há diferença entre o real "vivido" e o "mostrado", pois organizou e selecionou, inconsciente ou não, os fatos narrados sobre o "passado vivido": "Não mencionei a história...".

A relação com um historiador dá-se através do contexto colocado em torno de si e de Noel, assim como de outras pessoas-personagens retratadas: Rubem Braga, Getúlio Vargas etc. Narrando o que o golpe de 1º de abril (dia emblemático) de 64 causou em sua família, o narrador leva a crer que a revisão do individual pode servir para revisar o coletivo. O narrador explicita, ao contrário dos historiadores, que aquilo que mostra é a sua visão dos fatos, e que em tudo o que conta há versões: "segundo se comentava (...) dizem".

Até mesmo uma relação com o narrador oral pode ser feita através das micro-histórias existentes, como as da indiazinha e dos judeus. As personagens dessas sub-histórias são - assim como nos livros infantis - inominadas, ampliando a importância dos fatos, pois não personalizam, diretamente, os episódios e, por consequência, as experiências neles contidos. Muito mais tinha para falar: da fragmentação e solidão do narrador, das metalinguagens, dos lugares das instâncias narrativas, das... De forma sintética, expus um caminho de leitura, mostrando evidências e escondendo falhas (alguém já disse isso, não?). Talvez esse texto mais pergunte do que explique, mas quem gosta de respostas? Prefiro sempre talvez, quem sabe, porventura...

Artur Emilio Alarcon Vaz é mestrando em Literatura Brasileira na Universidade Federal de Santa Catarina; e-mail <alarcon@cce.ufsc.br>.

Poesia virtual & concurso

⇒ O poeta cearense Soares Feitosa arranhou uma maneira barata e eficiente de divulgar a poesia brasileira: o *Jornal de Poesia*, acessível no site <<http://www.secrel.com.br/jpoesia>>. O JP mantém obras de centenas de poetas arquivadas e está aberto a novas contribuições.

⇒ A Fundação Catarinense de Cultura está promovendo mais uma edição do prêmio Cruz e Sousa de literatura. Este ano, além das categorias romance, conto e poesia, será premiado um ensaio sobre a obra do poeta. O vencedor de cada categoria receberá R\$ 10 mil. As inscrições vão até 28 de novembro. Maiores informações com a Gerência de Letras da FCC - Av. Irineu Bornhausen 5600, Florianópolis-SC, CEP 88025-202; fone (048) 234-9848.

Sexta, dia 7 de novembro

Cartilha do silêncio

de Francisco J. C. Dantas

O mais novo - e polêmico - romance do escritor sergipano é o tema da próxima reunião do GT.

Sexta, 7 de novembro, às 16 hs., na sala B1-253 (ICC Centro).

Literatura Brasileira Contemporânea/Boletim é um informe quinzenal do GT Literatura Brasileira Contemporânea da Universidade de Brasília. Correspondência para: GT Literatura Brasileira Contemporânea, A/C Profª Regina Dalcastagnè, Departamento de Teoria Literária e Literaturas, Universidade de Brasília, CEP 70910-900 - Brasília - DF; e-mail: rdal@guarany.cpd.unb.br
Literatura Brasileira Contemporânea/Boletim na internet: <http://www.unb.br/tel/boletim.htm>